

COMUNICAÇÃO, CULTURA(S) E IDENTIDADE(S) FRONTEIRIÇAS¹Karla Maria Muller²Tito Carlos Machado de Oliveira³**Resumo**

A redistribuição do mundo em blocos econômicos leva a reflexões que têm como fio condutor a globalização e as práticas sociais decorrentes deste novo reagrupamento. Discute-se a partir disto, questões relativas à interação de culturas, integração de povos, entrecruzamento dos diversos Campos Sociais. Dialogando com autores que abordam as questões de cultura, identidade, ideologia e comunicação de modo entrelaçado, e trabalhando com uma proposta multidisciplinar e inter-institucional, pretende-se avançar na compreensão do fenômeno fronteira, temática atual e presente nos mais variados campos do conhecimento, em especial, da área das Ciências Sociais Aplicadas. O estudo tem como objetivos identificar elementos constitutivos das culturas e das identidades fronteiriças em espaços de divisa do Brasil com seus vizinhos Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia para então definir o que pode ser conceituado como uma cultura e uma identidade fronteiriça, de forma mais ampla e que englobe os quatro pontos de contato delimitados como campos de ação. A metodologia empregada propõe um exercício hermenêutico e parte da *doxa*, levando em consideração os contextos sócio-históricos estruturados, analisando e interpretando formas simbólicas neles inseridas.

Palavras-chaves: comunicação e cultura fronteiriça, comunicação e identidade fronteiriça, mídia e fronteira.

¹ Trabalhos sobre o tema disponíveis em www.midiaefronteira.com.br

² Profa. Adjunto do DECOM/ FABICO/ UFRGS, Doutora em Ciências da Comunicação pelo PPGCom/ UNISINOS, Mestre em Comunicação pela PUC/RS, Pesquisadora do PPGCom/ UFRGS, membro da diretoria do Instituto de Comunicação, Cultura, Educação e Formação Política Alberto André (IAA), colaboradora do Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins (CelpCyro)/ Projeto Fronteiras Culturais – www.celpcyro.org.br E-mail: kmmuller@orion.ufrgs.br.

³ Prof. Titular Programa de Pós-Graduação em Geografia e Agronegócios/ UFMS. Campo Grande/ MS/ Brasil. E-mail: tito@nin.ufms.br



Introdução

No ano de 1994 representantes dos quatro países membros do Bloco Mercosul – Uruguai, Argentina, Paraguai e Brasil - reuniram-se na cidade de Ouro Preto/ BR, para firmar um Protocolo que formalizou o Mercosul como uma entidade jurídica. Mesmo que ainda com imperfeições, esta União Aduaneira tem representatividade para discutir e estabelecer acordos econômicos que sejam do interesse do Bloco em nível mundial, como é o caso da Alca, ou de acertos com a União Européia.

Passados dez anos do Protocolo de Ouro Preto, percebe-se que muito ainda está para ser feito em se tratando de integração entre os países do Cone Sul da América Latina. Partindo do princípio que “a geografia nos une, a história nos aproxima”, como destacou o jurista Jorge Fontoura, Consultor Legislativo para o Mercosul e professor de Direito Internacional da PUC de Brasília⁴, temos que aprender a dar o devido destaque aos elementos que nos tornam semelhantes, e ter claro os aspectos que nos diferenciam dentro de um contexto dinâmico e complexo. Somente a partir disto é que será possível avançar, de modo a aprimorar e ampliar de fato este Bloco, estimulando processos que não fiquem restritos ao Campo da Economia mas que permeiem todos os Campos que compõem o tecido social.

Neste aspecto, os espaços de fronteiras nacionais tornam-se propícios para compreendermos o que venha a ser um processo de integração efetivamente. Os povos que habitam as linhas de divisa entre territórios nacionais, ao colocarem em contato direto e constante, culturas, línguas procedimentos específicos e característicos de cada um dos países⁵, demonstram que é possível, mas nem por isto fácil ou simples, conviver harmonicamente com o outro.

⁴ Entrevista concedida ao jornalista Jurandir Soares no programa Projeto Mercosul, da Rádio Guaíba AM em 02 de outubro de 2004.

⁵ A Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação – INTERCOM - em seu congresso nacional, vendo a relevância da temática fronteira para seus pesquisadores, destinou um espaço específico para a discussão formalizado no Colóquio Transfronteiras Sul, realizado no dia 1 de setembro de 2004 na PUC/RS, em Porto Alegre.



Através de um exercício diário, o fronteiriço extrapola qualquer discurso que pregue a integração, coloca em prática ações surgidas de uma necessidade premente, descobre e inventa formas de ultrapassar barreiras, enfrentando dificuldades de modo a tornar viável a vida na fronteira.

As trocas estabelecidas nestes pontos de contato, alertam que as divisões geopolíticas estabelecidas por decorrência da criação dos Estados-Nacionais não são mais suficientes para atender as novas configurações, principalmente dos espaços urbanos.

Em espaços como o fronteiriço a vida passa a ser redesenhada de modo a satisfazer as exigências do momento. A partir da existência de um lugar diferenciado como esse, verifica-se o convívio, aparentemente fraterno, de duas ou mais nações com hábitos e costumes distintos, dividindo um mesmo espaço, constituindo uma nova comunidade que oscila entre o local e o internacional permanentemente.

Para identificar-se como membro deste grupo o fundamental não é pertencer a uma mesma nacionalidade. Com certeza, há elementos que destacam a especificidade do ser fronteiriço garantindo uma identidade própria e privilégio daquele que sabe e reconhece o que venha a ser viver na faixa de divisa do território nacional e lado a lado com um outro, membro da nação vizinha.

Neste caso, podemos tomar como exemplo as cidades de Santana do Livramento e Rivera (fronteira do Brasil com o Uruguai), Uruguiana e Paso de Los Libres (divisa do Brasil com a Argentina), Ponta Porã e Pedro Juan Caballero (limite do Brasil com o Paraguai), Corumbá e Puerto Quijaro (borda de contato do Brasil com a Bolívia). As duas primeiras cidades brasileiras estão localizadas no oeste do Rio Grande do Sul e as duas últimas no oeste sul matogrossense. Temos assim dois estados brasileiros com a peculiaridade de estabelecerem divisas nacionais com dois países, compondo um grupo de quatro espaços com questões semelhantes mas também com profundas peculiaridades, dignas de estudo no que tange às características de uma cultura e uma identidade que possam vir a ser consideradas como fronteiriças.



Para que seja possível realizar um exercício investigativo, de cunho acadêmico e que traga resultados satisfatórios, recorreremos à criação de um grupo multidisciplinar que possa dar conta de elaborar um quadro de análise que responda a inquietações sobre como se constitui esta cultura e, conseqüentemente, essa identidade fronteiriças; que elementos podem ser considerados comuns e quais servem unicamente para cada um dos pontos de contato entre essas fronteiras nacionais. O carro-chefe que orienta o estudo é a comunicação. O foco principal está centrado nos meios de comunicação locais, por serem considerados um dos mais importantes articuladores da construção e da reprodução do fenômeno fronteira, que mais do que geopolítico é simbólico e imaginário.

Trazemos aqui os elementos para uma discussão preliminar do trabalho que se inicia neste ano de 2005. Com certeza constitui-se num trabalho ousado devido às distâncias geográfica que separa os pesquisadores mas conta com uma bagagem positiva e diversificada dos estudos desenvolvidos por todos eles no que se refere à comunicação, cultura e fronteiras, por isso vale a ‘aposta’.

Questões envolvidas na proposta

A proposta aqui apresentada justifica-se pois busca dar conta, de modo entrelaçado, das seguintes questões:

a) Os intercâmbios

Ao falarmos de Mercosul, destacamos uma relação entre países sul americanos pautada nas trocas comerciais. Entretanto, os intercâmbios, mesmo que dando ênfase para as questões envolvendo os mercados, se dão nos mais diversos campos entre eles o social, o cultural, o esportivo, o político, o religioso etc. Pensando desta forma, torna-se fundamental, para entendermos as articulações estabelecidas entre os grupos e as instituições locais, conhecer os mecanismos acionados pelas comunidades fronteiriças que passam a dar conta de atender aos interesses dessas comunidades especificamente.

b) As práticas culturais



As práticas culturais, entendidas como processos sociais em curso, ao serem analisadas, muito nos dizem a respeito de um determinado grupo, diferenciando-o dos demais. A partir das ações, da linguagem, dos dizeres e dos fazeres, do comportamento, dos hábitos e atitudes, da formulação de conceitos e valores, pode-se identificar um grupo, uma comunidade. A definição de quem são os sujeitos que pertencem ou os que devem ser excluídos, garante ao grupo sua identidade. A partir da elaboração e da transmissão de códigos específicos fica estipulado quem são os que “fazem parte” e quem são os outros. Nos espaços de fronteira, estratégias são estabelecidas e colocadas em prática pelos habitantes locais de modo a garantir as peculiaridades do grupo, tornando-o distinto dos demais como único e “especial”. O diferencial, o ponto que chama mais a atenção é que esta diferenciação se dá no sentido de reconhecer que existem, no mínimo, duas identidades nacionais em questão, sempre bem claras e previsíveis, visto que é ali que duas nações estão dispostas lado a lado.

c) As identidades

Em um mundo globalizado os questionamentos referentes à identidade vem à tona. As pessoas se perguntam qual sua real identidade, com o que mais se identificam. Vale destacar que nossas identidades são formadas a partir e na cultura em que estamos inseridos. No momento em que assumimos determinados valores, reproduzimos práticas específicas de determinado grupo, passando a considerá-los como “nosso grupo”, vemo-nos como um de seus membros, aceitando-nos, mesmo que em parte de modo inconsciente, como pertencentes àquela cultura. Como as trocas se dão cada vez mais rápidas, como novas propostas são deflagradas quase que simultaneamente em nível mundial, temos que reconhecer que hoje nos constituímos de um mosaico identitário. Entretanto, certos elementos que constituem nossa identidade de forma predominante provêm do espaço geográfico que habitamos, estabelecendo uma relação muito próxima entre espaço local, cultura e identidade.

d) Os imigrantes



A nação brasileira é constituída, em larga medida, por imigrantes e/ou filhos destes. A pré-disposição por aventurar-se na conquista de um quinhão próprio de terra, que garanta sobrevivência, respeito e tranqüilidade para si e seus descendentes, serve de estímulo para diferentes grupos saírem a procura de novos espaços. Esta mobilidade, comum entre brasileiros, passa a ser vista de modo natural quando se trata de membros de outras nacionalidades que ainda hoje dirigem-se para o Brasil também com o objetivo de organizar sua vida em um novo local. As regiões de fronteira deixam claro este processo na medida em que abrigam imigrantes de diferentes nacionalidades, com destaque para os árabes-palestinos, ou mesmo povos provenientes de outras regiões brasileiras, como os gaúchos, grupo representativo nas fronteiras sul matogrossenses com a Bolívia e o Paraguai.

e) O local e o internacional

As divisões territoriais definidas nos tratados de descobrimento e ocupação da América Latina não dão mais conta de atender as necessidades dos povos que habitam estes espaços, principalmente os de fronteiras nacionais. Por sua vez, os movimentos estimulados pelo processo de globalização, demonstram que não há limites para o trânsito de pessoas, mercadorias, bens materiais e simbólicos, confirmando que as fronteiras, mais do que geopolíticas, caracterizam-se por serem imaginárias, simbólicas. Neste sentido, torna-se premente repensar o nacional, o local e o internacional, principalmente quando estas condições estão colocadas “lado a lado” e tornam-se elementos fundamentais para redefinir os conceitos de cultura e identidade.

Breve aporte teórico

Pensar o fenômeno fronteira requer uma reflexão ampla que atenda vários fatores colocados de modo imbricado, que fazem parte das dinâmicas sociais de diferentes contextos. Ao definirmos um espaço específico para analisar tal fenômeno é fundamental acionar uma série de dispositivos que dêem conta da questão tratando-a como um processo. Trabalhar sob tal perspectiva pressupõe um engendramento entre os diversos campos que constituem



o tecido social, em especial, o tecido social urbano e levar em conta a diferença, considerando que esta é essencial para o significado e que este é crucial à cultura (HALL, 2003).

Dentro desta teia, é primordial tratar os elementos constitutivos do contexto como a cultura, a identidade, as práticas definidas pelos grupos, sua bagagem histórica, suas bases econômicas, seus marcos de referencialidade, sua complexidade. Para tanto, é importante sinalizar alguns conceitos e teóricos aos quais nos filiamos para iniciarmos a discussão.

A cultura, por sua vez, pode ser entendida como a produção de fenômenos que contribuem, mediante representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, na compreensão, reprodução ou transformação do sistema social (CANCLINI, 1995). É o lugar no qual se representa nos sujeitos o que se passa na vida cotidiana, dando a possibilidade de criação de alternativas na busca de uma dimensão transformadora. Neste sentido, podemos dizer que as práticas culturais são indicativos para reconhecermos uma cultura. Através de ações e (atuações) um determinado grupo se diferencia dos demais e isto se dá tanto de modo organizado e institucionalizado como também nos comportamentos ordinários (GARCIA CANCLINI, 1990).

Portanto, cultura (assim como ideologia) é um dos conceitos mais difíceis, e com um imenso leque de definições, dentro das Ciências Sociais e Humanas. Por isso, a importância de focar a análise levando em conta as práticas culturais.

As coisas em si – como destaca Hall (1997a) – raramente têm significados únicos, fixos e intocáveis. O uso que fazemos das coisas, o que pensamos, sentimos e dizemos sobre elas, o modo como passamos a representá-las, que lhes dão significado. Fazemos isto, em grande medida, a partir da interpretação que realizamos e da maneira como as incorporamos em nosso cotidiano. Este tipo de procedimento nem sempre se dá de modo consciente. Por vezes passamos a reproduzir e reforçar conceitos, sem nos darmos conta ou percebendo apenas parcialmente que sentidos passam a ser mobilizados a partir das nossas práticas (BOURDIEU, 1996).



Tanto o que é colocado claramente, assim como o que é omitido, faz parte da construção de significados estabelecidos através e a partir de práticas culturais específicas. Desta forma, todas as práticas sociais, na medida em que sejam relevantes para o significado ou requeiram significado para funcionarem, têm uma dimensão cultural (e ideológica). Como destaca Hall (1997b), isto não significa que tudo é cultura mas que toda prática social depende e tem relação estreita com o significado, ou seja, a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, e que toda prática social tem uma dimensão cultural.

Partilhando deste posicionamento, podemos destacar que estas práticas estão inseridas em contextos sócio-históricos dentro dos quais determinadas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas por sujeitos e têm um significado para eles (THOMPSON, 1995). Neste processo estão envolvidas instituições específicas, por isso, para entendê-las, é fundamental levar em conta os elementos internos que as constituem, mas mais do que isso, o ambiente, as relações, os modos e técnicas empregados nas etapas do processo comunicativo, as relações de poder etc.

Podemos dizer que, de acordo como Hall (1997b), a identidade emerge do diálogo entre os conceitos e definições representados pelos sujeitos, pelos discursos de uma cultura, pelos desejos de responder aos apelos feitos por estes significados, da ação de interpelação resultante destes, de assumir as posições de agentes construídas por discursos sobre uma determinada identidade. Isto é, nossas identidades são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas e peculiares, e como sujeitos individuais, assumimos identidades formadas a partir e através da cultura.

Fica evidenciado que tanto as questões históricas assim como as geográficas afetam e participam desta construção. Por isso centramos nosso estudo no local, ou seja, de modo mais específico, nas cidades, espaços onde se constituem inúmeras organizações – como destaca Fischer (1997) – reais, palpáveis e permanentes, simbólicas, concretas e virtuais, transitórias, momentâneas, imaginárias, vistas como um todo, mais do que a soma das partes.



As cidades sustentam uma continuidade cultural, possibilitam dinâmicas que garantem a permanência ou apresentam transformações, que se dão através de movimentos integrados. A partir das cidades se imagina o local (GARCIA CANCLINI, 2001). São espaços nos quais se articulam o local, o nacional e o global, realizando um movimento complexo e intenso, colocando frente a frente situações opostas – a evolução tecnológica e os descompassos decorrentes dela, como o desemprego, a insegurança, a degradação ambiental etc.

Além dos elementos que fazem parte há mais tempo de nosso contexto e, a partir das influências que nos chegam – por meio dos mais diferentes canais –, podemos dizer que hoje “vivemos um paradoxo de sermos/ termos mais de uma identidade ao mesmo tempo” (GARCIA CANCLINI, 2001:18). Convivermos constantemente com as diferenças entre fusões-desgarramentos, por isso as tensões interculturais são hoje um dos objetos mais fecundos de investigação e uma oportunidade para construir sujeitos coletivos, políticas abertas e democráticas.

Uma das formas de analisar como se dá esta formação identitária é através da mídia. Mais do que um reproduzidor do que se passa no mundo, os meios de comunicação assumem, cada vez mais, o papel de sujeitos, inserindo-se como agente, participando ativamente dos rumos que tomam a sociedade.

Podemos dizer que a informação local confunde-se com o sistema comunicacional institucionalizado que uma sociedade criou para si mesmo. Com relação à imprensa escrita e referindo-se à localidade, Tétu (1997) salienta que esta é menos geográfica e econômica que institucional. A prova mais manifesta de tal fato é que a informação toma por objeto homens integrados no sistema local, enquanto exclui aqueles que nele não interagem. De acordo com este posicionamento, o homem passa a ser visto através das instituições que representa, assume importância por meio de sua posição dentro destas e, caso não tenha lugar representativo na estrutura das mesmas, passa a ser desconsiderado.

Neste aspecto, a mídia torna-se elemento fundamental para definir e manter as estruturas vigentes. Através de mecanismos próprios de seu fazer, os meios de comunicação intervêm



e constroem os acontecimentos. Podemos dizer que o discurso jornalístico é um metadiscurso, como destaca França (1997), um discurso que se constitui a partir de outros; não uma simples repetição, sua construção cria uma nova realidade. Na construção do acontecimento, há uma profunda imbricação entre a palavra do veículo jornalístico e a palavra social. Essa palavra vai viabilizar um movimento de reconhecimento por parte da recepção e inscrever o veículo, no seio da vida social, decidindo quem são os atores convidados, qual o cenário a ser apresentado, influenciando e participando dos movimentos em curso.

Para Charaudeau (1994), a mídia pode ser considerada como um instrumento de visibilidade social, produzindo informações que podem ser entendidas como fenômenos de formação de sentido. Ela assume o papel de um dos elementos constitutivos do espaço público. Através dela “passa” a realidade mas é também nela que esta realidade se elabora. É possível dizer, que o transmitido através dos textos apresentados pelos meios de comunicação, em suas notícias, são, a princípio, um índice do real. (TRAQUINA, 1993). Com suas características próprias, a linguagem jornalística intervém nas dinâmicas sociais. Como destaca Correia (2000), a narrativa jornalística desencadeia mecanismos que atingem e afetam a atividade dos agentes na aquisição e reforço dos conhecimentos e normas através das quais se pauta a compreensão do mundo.

A partir desta rápida discussão, iniciaremos a caminhada com o objetivo de decifrar o enigma que está por trás do fenômeno fronteira e que é vivenciado no dia-a-dia pelos povos que habitam as bordas de territórios nacionais. Nestes espaços peculiaridades destacam-se, trazendo à tona a singularidade de cada lugar. Por outro lado, elementos comuns às áreas de fronteira se apresentam, deixando transparecer o que pode ser considerada a cultura e a identidade fronteiriças, construídas nos e através dos diversos campos sociais e reforçada pela mídia local.

Objetivos da pesquisa



O objetivo geral do estudo constitui-se em verificar as principais características de uma cultura e, conseqüentemente, de uma identidade que possam ser consideradas fronteiriças para os espaços limítrofes do Brasil com seus vizinhos do Cone Sul da América Latina.

Objetivos específicos a serem alcançados buscam:

a) Estabelecer uma rede entre pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento – educação, geoeconomia, história, literatura, comunicação etc - que possam trocar informações sobre seus estudos, lançando o olhar sobre os diversos campos sociais de modo a pensar a cultura e a identidade fronteiriças na sua complexidade.

b) Identificar o contexto social-histórico das regiões demarcadas no campo de ação bem como os principais grupos sociais que compõem as comunidades fronteiriças analisadas.

c) Verificar as práticas culturais de maior relevância em cada um desses pontos de contato entre territórios nacionais, que envolvem os habitantes de ambos os lados da linha divisória.

d) Selecionar os meios de comunicação produzidos localmente e com maior credibilidade junto à população fronteiriça.

e) Analisar textos veiculados nessas mídias locais de modo a constatar quais as formas simbólicas utilizadas, os modos e as estratégias de operação acionados para criar, reforçar, manter ou anular determinadas ideologias, construindo e reforçando a cultura e a identidade fronteiriças.

f) Traçar uma análise comparativa sobre como o fenômeno fronteira se faz presente nas práticas culturais de espaços urbanos de contato entre o Brasil e seus países vizinhos do Cone Sul da América Latina - Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia – e é apresentado pela mídia local, contribuindo para a construção de uma cultura e, conseqüentemente, uma identidade fronteiriças.

A construção do caminho

A metodologia adotada estará baseada nos aportes constitutivos do trabalho “Mídia e Fronteira: jornais locais em Uruguaiana-Libres e Livramento-Rivera” (MÜLLER, 2003), no qual questões como cultura, identidade, comunicação e ideologia no espaço fronteiriço



foram abordadas. O campo empírico do estudo constitui-se em espaços fronteiriços nos quais as ligações entre os países se dá em áreas urbanas de contato.

A matriz utilizada para classificar os textos jornalístico se fixa em dois eixos: a fronteira e o fronteiriço. A partir deles poderão ser enquadrados em categorias de análise nas quais destacam-se as identidades e as culturas nacionais e local – a fronteiriça -, com ênfase para esta última, com seus pontos de aproximação e distanciamento, cuja dinamicidade se dá de modo diferenciado em cada um dos campos de ação escolhidos para o estudo, respeitando as peculiaridades de cada espaço.

Nestes eixos temáticos busca-se identificar e analisar as relações estabelecidas entre os habitantes do espaço fronteiriço; quais as estratégias adotadas para definir a cultura e a identidade de fronteira em cada um deles; as diferenças, os processos de interação (quem são, como se reconhecem e como reconhecem o outro) e que fronteiras são estas construídas pelos habitantes locais; as similaridades entre os elementos que caracterizam a cultura e a identidade fronteiriças nos pontos geográficos selecionados para o estudo.

Parte-se do princípio que há situações nas quais fica claro o reconhecimento, a existência de um outro, momento em que se reforçam as identidades nacionais, deixando visível a presença de um diferente. Em circunstâncias específicas, a distinção se dá no sentido de unir o eu e o outro, fortalecendo-se como um grupo distinto – o dos fronteiriços - que por sua vez, em muitos casos, é considerado marginal por seus pares de nacionalidade mas que não habitam as áreas de fronteira.

Estas articulações são apresentadas pela mídia local que recorre a modos e estratégias de operação muito próprios, buscando evitar os momentos mais tensionados da relação entre os habitantes de ambos os lados da linha divisória. Neste sentido, os meio de comunicação local passam a atuar como palco e sujeito no processo comunicacional, participando e documentando as práticas culturais, articulando o espaço fronteiriço em seus discursos e acionando interlocutores que reforçam, criam (ou ignoram) valores e conceitos fundamentais para o convívio diário.



Através de sua ampla dimensão simbólica, a mídia local passa a estimular sentimentos como a amizade, a fraternidade e trabalhar conceitos como rivalidade e tensão, presentes nas relações estabelecidas entre os fronteiriços. Seleccionando elementos que facilitam a aproximação (ou o distanciamento, dependendo do caso e da necessidade vigente) recorre à história, à economia, à literatura, acionando a memória e a imaginação, solidificando as relações fronteiriças, reforçando processos integracionistas, vitais para a vida local.

O material coletado será referente ao ano de 2004, período em que se comemora os dez anos da assinatura do Protocolo de Ouro Preto. Após a verificação do calendário de cada região, levando em conta eventos festivos para as comunidades mapeadas no estudo, ficará definido que edições – no caso da mídia impressa – serão consideradas de maior relevância para o estudo.

Algumas datas comemorativas como o Carnaval, Semana da Pátria (brasileira) já fazem parte da agenda preliminar por constarem no calendário brasileiro como datas importantes e festivas para a cultura nacional. Outras comemorações poderão ser incluídas como os festejos da Criação do Estado Palestino visto que o número de árabes-palestinos presentes na fronteira brasileira é diferenciado em relação a outros imigrantes que povoam aqueles espaços. Tal escolha dependerá da avaliação da equipe sobre a relevância de incluir o dado à pesquisa, levando em conta os itens cultura, identidade e comunicação.

Para a realização deste trabalho analítico comparativo recorreremos a metodologias sugeridas por John Thompsom (1995), denominada de Hermenêutica de Profundidade e que contempla a análise sócio-histórica, análise das formas simbólicas, interpretação/ re- interpretação. Dando suporte ao estudo, também recorreremos à Hermenêutica Profunda, formulada por Jorge Gonzáles (1994) que, caminhando no mesmo sentido, propõe uma análise articulada entre produção-leitura, produção-texto, leitura-produção, leitura-texto, texto-produção, texto-leitura, complementada pela Cartografia Cultural (1995) que sugere localizar, registrar e atualizar informações sobre o desenvolvimento das ofertas culturais de uma região, no caso a fronteiriça. Ainda seguindo na mesma direção e contribuindo com os estudos que se focam na análise social, chamamos ao debate Eduardo Vizer (2003), que



propõe a investigação-ação, estabelecendo uma relação aproximativa entre a comunicação e o desenvolvimento social.

Auxiliando na reflexão será utilizado como contraponto veículos de comunicação que circulam em nível nacional⁶ para que seja verificado quais os discursos que predominam sobre a fronteira e o fronteiriço, servindo de subsídio ao leitor para que este crie uma imagem destes dois elementos: a fronteira e o fronteiriço.

Outros métodos e técnicas da pesquisa social serão acionados de modo a dar lastro para a análise, tornando possível realizar uma reflexão que leve em conta os diversos atores locais e os diferentes campos que constituem o tecido social urbano.

Contribuições institucionais de diferentes áreas do conhecimento

A proposta aqui apresentada tem como linha mestra analisar o fenômeno fronteira de modo multidisciplinar. Acredita-se que pensar algo complexo e dinâmico nos dias de hoje exige a inserção de várias áreas do conhecimento, de maneira a evitar que se chegue a resultados parciais – ou até mesmo distorcidos – da realidade. A bagagem que cada membro do grupo traz, a partir de sua trajetória de estudos e pesquisas acadêmicas (e até mesmo de vivências pessoais) pode definir os rumos e a criação de novos paradigmas que atendam as exigências do momento, no sentido de pensar o fenômeno fronteira, uma cultura e uma identidade que possam ser consideradas de fronteira.

Por sua vez, formalizar uma investigação entre instituições, enriquece o desenvolvimento dos trabalhos científicos e aponta para conclusões mais amplas nas Ciências Sociais Aplicadas, no sentido de formular conceitos e metodologias que sirvam como aporte teórico-metodológico para investidas futuras.

⁶ Neste sentido, contamos com o apoio do Instituto de Comunicação, Cultura, Educação e Formação Política Alberto André que, na pessoa de sua coordenadora do Projeto Comunicação Sem Fronteiras, Profa. Dra. Martha Alves D’Azevedo, organizou um acervo sobre matérias noticiadas em periódicos brasileiros a respeito dos países latino americanos, suas relações e fronteiras.



O desafio da proposta reside no fato de articular conhecimentos de áreas afins, com pesquisadores⁷ trabalhando de modo integrado, não necessariamente próximos geograficamente, mas pensando a partir do seu lugar de conhecimento, complementando as concepções que têm a respeito da cultura e da identidade de fronteira, com suas analogias e antagonismos, na busca de denominadores comuns, extraídos dos campos envolvidos na estruturação do estudo. A costura final ficará por conta da comunicação que passa tangenciando os demais campos sociais.

Campos de ação

O Brasil, país de dimensões continentais, embora possua uma ampla faixa territorial em contato direto com o Atlântico Sul, limita-se com vários países da América Latina. Nestas fronteiras, a ligação se dá, em muitos espaços, em áreas urbanas, nas quais a efervescência da vida e dos movimentos sociais ocorre de modo intenso.

Dependendo do país com o qual o Brasil faz fronteira, as relações se estabelecem de forma peculiar. Mesmo que se diga que há inúmeras semelhanças entre os povos que habitam a região sul da América Latina, as diferenças culturais são marcantes.

Tratar a fronteira do Brasil com a Uruguai, a Argentina, o Paraguai e a Bolívia como se fossem iguais, é visualizar estes pontos de contato com uma visão míope da realidade. Consideramos fundamental, para realizar um estudo comparativo, definir os espaços, levando em conta seus aspectos de aproximação e distanciamento, e as características dos diferentes países envolvidos, com culturas próprias, ricas na sua essência, configurando contextos específicos e próprios a cada uma das áreas.

⁷ Equipe: Profa. Dra. Karla Maria Muller – Coordenadora da pesquisa (PPGCom/ FABICO/ UFRGS), Prof. Dr. Tito Carlos Machado de Oliveira – Vice-Coord. (PPGA/ DEA/ UFMS), Prof. Dr. Marco Aurélio Machado de Oliveira – Pesquisador (DCHL/ UFMS), Profa. Dra. Maria Helena de Sousa Martins – Pesquisadora (CELP Cyro Martins), Profa. Me. Vera Regina Serezer Gerzson – Pesquisadora (FABICO/ UFRGS), Profa. Profa. Me. Vera Lúcia Spacil Raddatz - Pesquisadora (UNIJUÍ, doutoranda do PPGCom/ FABICO/ UFRGS), Mestranda Michelli Machado – Pesquisadora (PPGCom/ UFRGS), Graduanda Caroline Capitani – Bolsista de Iniciação Científica (FABICO/ UFRGS), Profa. Espec. Bianca Efrom – Colaboradora (ACM), Profa. Dra. Martha Alves d’Azevedo – ARI/ IAA.



Parte-se do princípio que as relações estabelecidas entre povos vizinhos se dão de acordo com seus antecedentes históricos, e suas condições atuais de trocas e de interesses. Como exemplo, podemos destacar a rivalidade existente entre brasileiros e argentinos, alardeada de vários modos, em diversos momentos, ao longo do tempo, e reforçada pelos meios de comunicação (JACKS, MACHADO, MÜLLER, 2004).

Para a realização do estudo aqui apresentado, selecionamos as cidades de Santana do Livramento e Rivera, Uruguaiana e Paso de Los Libres, Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, Corumbá e Puerto Quijaro. A escolha dos campos de ação do estudo recaiu nestas cidades devido ao fato de podermos centrar a análise em estados brasileiros – Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul – que fazem divisa com dois diferentes países. Desta forma estaremos envolvendo, do lado brasileiro, apenas dois estados, que estabelecem a ligação do Brasil com quatro diferentes países, isto é, o contato da cultura brasileira com outras quatro diferentes culturas nacionais.

São espaços nos quais o local e o internacional se entrelaçam, estabelecendo relações e dinâmicas próprias, construídas e reforçadas pelos habitantes locais, os fronteiriços. Nestes espaços estão presentes as identidades e as culturas nacionais de cada um dos países envolvidos, entretanto, neles também são construídas, reelaboradas e constituídas uma outra cultura e identidade diferenciada, capaz de dar conta do local. Esta cultura e identidade específica dos espaços em questão – os de fronteira – possuem aspectos em comum mas também apresentam distinções específicas a cada um dos quatro pontos de contato. E esta definição parte de várias áreas entre elas a economia, tão destacada por conta do Livre Tratado de Comércio Mercosul.

Considerações finais

Acredita-se que com o presente estudo muitas questões referentes ao fenômeno fronteira saltarão aos olhos dos pesquisadores. O que ficar evidenciado com o levantamento de informações e dados referentes aos espaços delimitados para a pesquisa exigirá uma análise criteriosa por parte dos representantes das áreas de conhecimento pertencentes à equipe.



Pensar a fronteira requer um exercício interpretativo complexo, capaz de compreender a dinamicidade e a rapidez com que as relações estabelecidas entre os povos que habitam as linhas de divisa entre países, no caso do Brasil com os quatro países com os quais estabelece divisa no sul do continente Latino Americano, se dão.

Movimentos de aproximação e distanciamento se sucedem. Ações que definem a interação, e até mesmo a integração, entre os habitantes de ambos os lados das bordas nacionais são muitas vezes visíveis. Porém, em determinadas situações, é difícil detectar, através das práticas culturais colocadas em marcha, qual a real intenção dos grupos locais para garantir sua diferenciação como comunidade fronteiriça. Da mesma forma, a partir de estratégias acionadas, o diferencial é buscado no sentido de exaltar uma identidade nacional, distinta entre as nações que convivem lado a lado nas linhas de divisas nacionais.

Com a investigação aqui proposta pretende-se definir situações peculiares e elementos específicos a cada uma das regiões selecionadas para o estudo. Mas também, e mais do que isto, visa destacar características análogas que possam creditar aspectos comuns, conceituando e estabelecendo a composição do que pode ser entendido como uma cultura e uma identidade fronteiriças. A idéia é ousada mas solicita dedicação imediata para responder a questões que brotam nas discussões envolvendo os diversos Campos Sociais, permeado – ou costurado – pelo Campo da Comunicação, que tem como foco, no caso específico, o fenômeno fronteira.

Referências

BOURDEIU, Pierre; EAGLETON, Terry. A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista.

In: ZIZEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

CANCLINI, Nestor Gracia. **La globalización imaginada**. Buenos Aires: Paidós, 2001.

CANCLINI, Néstor García. **Ideologia, cultura y poder**. Buenos Aires: Oficina de Publicaciones Del C.B.B., 1995

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. México: Grijalbo, 1990.



CHARAUDEAU, Patrick. Le contrat de communication de l'information médiatique. In: **Le Français dans le monde – Recherches et applications – medias: fouts et effets, numero special**. Paris: Hachette, Edicef, juillet, 1994.

CORREIA, João. O poder do jornalismo e a mediação do espaço público. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Revista de Comunicação e Linguagens. Jornalismo 2000**. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

FISCHER, Tânia. A cidade como teia organizacional. In: MOTTA, Fernando C. Prestes; CALDAS, Miguel P. (orgs.). **Cultura organizacional e cultura brasileira**. São Paulo: Atlas, 1997.

FRANÇA, Vera R. V. Construção jornalística e dizer social. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sergio D. (org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

GONZALES Jorge A. Coordinadas de imaginário: protocolo para el uso de las cartografias culturales. In: **Estúdios sobre las culturas contemporâneas**. Época II. Vol. Colima: 1995.

GONZALES Jorge A.; CÁCERES, Jesús Galindo (coordenadores). **Metodología y cultura**. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1994.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

HALL, Stuart. The Work of Representation. In: HALL, Stuart.(Org.) **Representation. Cultural representations and signifying practices**. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997a.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, 1997b.

JACKS, Nilda A.; MACHADO, Márcia B.; MÜLLER, Karla M. **Hermanos, pero no mucho: el periodismo narra la paradoja de la fraternidad y rivalidad entre Brasil y Argentina**. Buenos Aires: La Crujía, 2004.

MÜLLER, Karla M. **Mídia e fronteira: jornais locais em Uruguaiana-Libres e Livramento-Rivera**. Tese de doutorado. São Leopoldo: PPGCCom/ UNISINOS, 2003.



TÉTU, Jean-François. A informação local: espaço público local e suas mediações. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sergio D. (org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. **Revista Comunicação e Linguagem**. Lisboa: Veja, 1993.

VIZER, Eduardo A. **La trama (in)visible de la vida social: comunicación, sentido y realidad**. Buenos Aires: La Crujía, 2003.

